



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Lua Cheia, Julho de 2013, nº 167



Maria Madalena

Uma grande mulher, nem santa, nem pecadora

".... Não seja ignorante a meu respeito, Pois eu sou a primeira e a última. Eu sou a estimada e a rejeitada. Eu sou a prostituta e a sagrada. Eu sou a esposa e a virgem. Eu sou a mãe e a filha. Eu sou aquela cujo casamento é grandioso, e eu não tomei um marido. Eu sou a parteira e aquela que não dá à luz, Eu sou o consolo das minhas dores do parto" ...

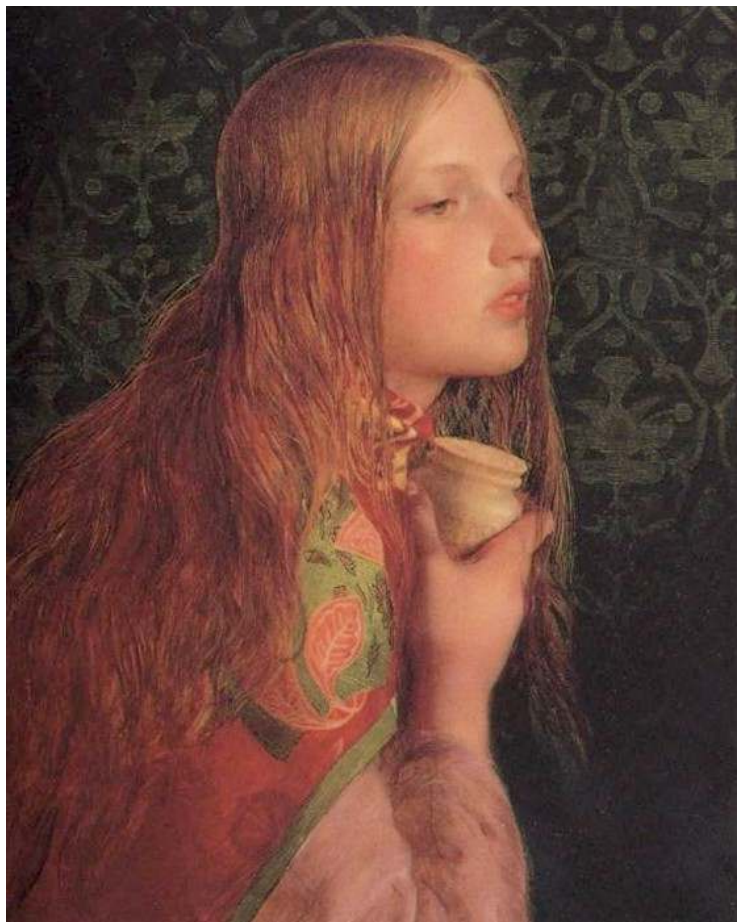
Trecho do Poema Gnóstico da biblioteca de Nag Hammadi "O trovão, a mente perfeita".

(um extenso e enigmático [monólogo](#) no qual o Salvador discorre sobre uma série de afirmações paradoxais sobre a natureza feminina da divindade).



Mirella Faur

Não há personagem histórico que tenha sofrido tanto o peso das projeções moralistas da sociedade patriarcal do que Maria Madalena. Vista como pecadora e prostituta, ela passou a representar a sombra do feminino, seu lado



negativo, em oposição à luz da Virgem Maria, pura e sem pecado original. Esta sombra afetou profundamente o psiquismo da mulher, provocou uma cisão em sua personalidade e causou toda sorte de repressão, perseguição e culpa feminina em relação à sexualidade. Ao longo de milênios, preconceitos disfarçados em religião foram transformados em acusações, maledicência, perseguição e violência, deturpando as verdades originais.

Em 591 o papa Gregório I iniciou uma série de sermões sobre Maria Madalena em que a considerou a "pecadora arrependida" salva pelo encontro com Jesus, ignorando totalmente o seu papel de líder religiosa e detentora de ampla sabedoria. Os primeiros padres da Igreja excluíram das escrituras sagradas o registro da vida de uma mulher que manifestava uma sensualidade sem pudores e, ao mesmo tempo, uma intensa espiritualidade. Segundo os Evangelhos, sua devoção incondicional a Jesus despertou ciúmes e inveja entre os discípulos. Madalena era uma mulher apaixonada, que se entregava inteira em tudo que fazia, tanto que se tornou a discípula diletta, a companheira, filha e mãe de Jesus. Madalena vivenciava a dimensão espiritual, corpo e alma integrados, como sabemos hoje dos depoimentos de místicos sobre o êxtase espiritual. A sua capacidade de mergulhar naquele estado que hoje conhecemos como "expansão da consciência", permitiu que ela visse Jesus ressuscitado. Os padres cristãos negavam a habilidade feminina em conciliar os opostos, viver a dimensão material junto com a espiritual, integrar corpo, mente e coração.

Há alguns anos vêm sendo feitos estudos e pesquisas para resgatar a verdadeira história de Madalena, e nesse trabalho também está sendo resgatado o inconsciente do cristianismo, fragmentos de uma memória recalcada pelos primeiros patriarcas da Igreja. Na verdade, desde que apareceu a noção de pecado, o que se tenta exorcizar é o sexo, em oposição ao espírito. Os inúmeros ensinamentos cristãos sobre amor incondicional e perdão não conseguiram aplacar o preconceito, o *horror feminae* dos homens, o medo irracional do poder feminino e a rejeição contra tudo que lembrava as antigas tradições pagãs da humanidade que reconheciam e reverenciavam a sacralidade feminina.

Quando os quatro evangelhos foram selecionados (entre centenas de outros escritos), por volta do ano 200 d.C. surgiu a distinção entre os evangelhos oficiais canônicos e os "apócrifos", aqueles que não foram considerados por não concordarem com os cânones do cristianismo incipiente. Prevaleceram nessa seleção os preconceitos patriarcais, porque nos documentos escolhidos não se descrevem as ações e contribuições de mulheres que viviam nas primeiras comunidades cristãs e que, junto com seus companheiros, foram igualmente perseguidas e torturadas pelos romanos. Os Evangelhos Gnósticos, rapidamente excluídos como heréticos pelos padres da Igreja, favoreciam o dogma que maximizasse o status da Virgem Maria (apesar dela ser raramente mencionada nos quatro Evangelhos) e minimizasse o papel de Madalena, principal testemunha da Ressurreição, e também o papel da mulher em geral na Igreja.

Só recentemente apareceu uma comprovação dos julgamentos errados registrados nas Escrituras sobre Madalena. Desde o ano de 1896 encontra-se, no Museu Nacional de Berlim, um texto escrito na língua copta em 150 d.C. e que foi encontrado no século IV num antiquário da cidade de Achmin, no Egito. Outros fragmentos em grego foram achados no século XX somando ao todo oito rolos de papiros. Neles são narrados episódios da vida de Jesus, contados por uma mulher de nome Maria de Magdala, e foi traduzido como "O Evangelho de Maria



Madalena", fazendo parte dos textos fundadores do cristianismo. O teólogo e escritor Jean-Yves Leloup vê o surgimento desse texto, considerado "apócrifo" pela Igreja, como "a emergência da parte recalcada do cristianismo, aquela que foi negada, escondida, ocultada ao

longo dos tempos. E que, ao ser resgatado, mostrou-se como um caminho mais humanizado e, sobretudo, feminino, de reconexão com o divino" (O Evangelho de Maria).

Ao tornar Madalena, uma mulher tão íntima de Jesus, na "prostituta penitente" os padres acabaram por estigmatizá-la, chamando-a, por associação, de Segunda Eva, "o portal do Demônio" (Tertuliano). Hoje podemos ver como, ao excluir as mulheres, antigos fanáticos como Orígenes, Agostinho, João Crisóstomo e Jerônimo, em seu pavor da sexualidade, criaram uma cisão psíquica infeliz na alma ocidental. Maria Madalena não é apenas um personagem do passado, meio mítica, meio histórica. Sua figura está presente mais que nunca, nesse novo milênio, quando mulheres em todo o mundo buscam uma representação do divino feminino para orientar sua sexualidade. Das brumas do tempo ela ressurgiu, envolta em seu manto vermelho, segurando o cálice sagrado e ativando o arquétipo reprimido da nossa plena expressão como mulheres.

Segundo os Evangelhos, Jesus teria livrado a mulher "pecadora" dos sete demônios e, a partir daí, ela se tornou sua fiel seguidora. Relatos históricos contam também que ele teria desafiado os homens que queriam apedrejar a mulher adúltera, dizendo: *...que atire a primeira pedra quem nunca pecou...* Os sete demônios podem simbolizar os sete *chakras*, ou centros de energia vital, cada um com seus desejos e apegos respectivos, que muitas vezes podem dominar e escravizar o ser humano. Só quando a consciência os domina eles são transcendidos e se tornam nossos servos fieis como um caminho da energia vital, desde o nível sexual até sua manifestação nos planos mais sutis. Quando Jesus exorciza os "sete demônios" da Madalena dos Evangelhos, algumas pessoas veem nisso uma referência secreta ao ritual esotérico de purificação dos sete *chakras* do corpo energético. Pode também ser uma referência aos "Sete Portais" do mito sumério da "descida de Innana" ao mundo subterrâneo.

A figura de Maria Madalena foi submetida na tradição cristã a uma retaliação simbólica, sem respeitar o seu verdadeiro ser, de tal maneira, que em lugar da sua identidade ela passou a simbolizar o pecado sexual, que não se devia cometer. Ao quebrar o paradigma da estrutura patriarcal, Maria Madalena e Jesus iriam abrir caminho para outras mulheres. Porém, com o roubo de sua identidade e a difamação milenar, as mulheres foram dominadas ao longo das gerações. O medo e a ignorância promoveram no interior de homens e mulheres, a separação: do masculino e feminino, bem e mal, virtude e pecado, luz e sombra, sexo e espírito – e assim fragmentada, nossa humanidade adoeceu. Para restaurar a saúde humana, individual e coletiva precisamos reconciliar os apelos da nossa sexualidade, com o anseio insaciável de nossa alma.

As primeiras e mais antigas fontes que citam o nome de Maria Madalena na tradição religiosa do cristianismo são

os Evangelhos Canônicos, escritos pelos quatro evangelistas, Mateus, Marcos, Lucas e João, no século I de nossa era. Esses primeiros evangelhos foram selecionados entre muitos outros pelo bispo de Lyon, Irineu, sendo os restantes julgados “apócrifos ou gnósticos”, de pouco valor. A primeira referência a uma mulher chamada Madalena encontramos em Marcos: “E ali também estavam algumas mulheres, entre as quais Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé” (Marcos 15:40). Mais adiante, ele afirma que a unção do corpo morto de Jesus foi realizada por essas mesmas mulheres. Também Felipe menciona em seu Evangelho Gnóstico escrito no final do século II, que “Havia três mulheres que andavam com o Senhor: Maria, sua mãe, a irmã de sua mãe e Miriam Madalena, conhecida como a sua companheira. Para ele, Miriam era uma irmã, uma mãe e uma esposa”.

Nos primeiros anos do cristianismo Maria Madalena teve um realce significativo entre os homens e mulheres que seguiam Jesus, sua liderança sendo reconhecida como mostram os relatos dos Evangelhos da paixão e ressurreição de Cristo. As informações disponíveis são poucas e se referem ao evento da crucificação e à mensagem de Jesus. Entretanto, a partir dos dados descritos nos Evangelhos Sinóticos e nos Apócrifos Gnósticos foi possível sintetizar-se sua biografia. Os textos gnósticos recentemente descobertos (“A Biblioteca de Nag Hammadi”), que antecedem os manuscritos bíblicos com 200 anos, deixam mais claro do que nunca que Maria Madalena teve um papel proeminente no círculo dos primeiros apóstolos, como a principal confidente de Jesus, chamada de seu *koinomos*, palavra grega que tecnicamente significa “consorte” ou “companheira”, sugerindo uma relação sexual. E, da mesma forma que no rejeitado texto gnóstico *Pistis Sophia*, ela se destaca como a principal intérprete da revelação de Jesus do cosmos da luz como “aquela que entendeu o Todo”. Aqui, como em outros casos na figura de Santa Sofia – o feminino transcendente de muitos sistemas gnósticos – ela representa o papel da Sabedoria Sagrada no Velho Testamento.

Hoje se sabe que “Miriam de Magdala”, que significa em aramaico a *torre do rebanho*, é um título dado a Maria, chamada de Madalena. De família rica, ela e outras mulheres mantinham o trabalho itinerante de Jesus. Mas só em 1969 a Igreja Católica Romana corrigiu o seu erro milenar, reconhecendo que nunca houve qualquer evidência de que ela tenha sido prostituta. Em todas as representações de Maria Madalena feitas por pintores, ela é sempre mostrada portando nas mãos uma jarra de alabastro com unguento. Esse vaso é uma referência à unção de Jesus Cristo com a essência perfumada de nardo, que ela trazia consigo. Primeiramente, ela unge os pés do Mestre durante uma ceia após Jesus ter ressuscitado o irmão dela, Lázaro; e, finalmente, após sua crucificação no Gólgota. Essas passagens do Evangelho lembram um refrão dos Cânticos de Salomão: “Que belos são os teus amores, irmã minha! Ó minha esposa! Quanto melhor... é o

aroma dos teus bálsamos do que o de todas as especiarias!”.

Estudos metafísicos atuais revelam que, possivelmente, esta unção não fosse apenas uma devoção espontânea de uma mulher, mas um ato carregado de significado simbólico, como na cerimônia nupcial do *hierogamos*, o ritual do casamento sagrado que unia uma sacerdotisa da Deusa ao rei. Durante milênios, essas celebrações ritualísticas ocorreram por toda a região e faziam parte das tradições religiosas do Oriente Médio. O significado da unção com o óleo perfumado de nardo (usado também em cerimônias tântricas da Índia), feita amorosamente por Maria Madalena em Jesus durante a ceia na casa de Simão, sugere que tenha sido uma reminiscência dos antigos rituais do casamento sagrado, repetindo os elementos litúrgicos dos Cânticos de Salomão. Esta interpretação de uma união conjugal entre Jesus e Maria Madalena, reconhecida por Hipólito e Orígenes e renegada pela Igreja de Pedro, parece bastante lógica e coerente com a inclusão do feminino na vida social e religiosa, conforme Jesus pregava, além de reinstalar o antigo modelo de parceria no âmago da história cristã. No contexto da cultura grega – língua na qual os evangelhos foram escritos – a celebração do casamento sagrado era um ritual de consagração em homenagem à força da vida, à abundância generosa da terra e aos ciclos de vida, morte e renascimento, compartilhados pela família humana. Na história de Cristo é visível a repetição do ciclo de vida, morte e renascimento que era celebrado nas cerimônias das tradições antigas.

Outro símbolo presente nas telas de pintores que



retrataram Maria Madalena é uma torre, que é o significado de *Magdal-eder*, “a torre do rebanho”; numa passagem profética de Miquéias, ele fala do sofrimento da noiva destituída, profanada e depois, exilada, fazendo uma associação de Madalena com a Filha de Sião. Com base no significado da palavra aramaica *magdala*, estudiosos atribuíram a Maria o epíteto de Madalena, significando a “Grande, a Magnífica, a Torre, ou a Fortaleza do rebanho”. Essa e muitas outras evidências foram retiradas da versão ortodoxa da história do cristianismo, mas a sagrada união foi a pedra fundamental que os construtores rejeitaram. O mundo dominado por Roma no século I e a continuação dos conceitos patriarcais pelos apóstolos cristãos não estavam prontos para adotar o evangelho da igualdade entre os sexos e da inclusão da mulher na igreja, como ainda não está.

O Evangelho de Maria é um texto do início do século II, encontrado em Nag Hammadi e datado por volta do ano 150 d.C.; nele encontram-se referências sobre Maria Madalena como a apóstola que melhor assimilou os ensinamentos de Jesus e que dialogava teologicamente com os apóstolos. Ele ilustra o seu papel de “apóstola dos apóstolos”, sendo retratada como profetisa, mestra e apoio para os outros discípulos. Esse evangelho foi escrito possivelmente pela comunidade que se formou em torno de Maria Madalena, e ela, por ter recebido um ensinamento especial e uma consideração maior de Jesus, atuava como líder entre os discípulos após a sua ressurreição. Enquanto os outros discípulos choravam e temiam por suas vidas caso saíssem para evangelizar, ela os confortava e animava para que abrissem seus corações para compreender e assimilar as palavras de Jesus. Madalena manteve o seu equilíbrio e a fé fortalecida pela visão que teve, por isso Jesus a louvou por não ter medo ao vê-lo. Maria Madalena foi capaz de ensinar aos outros e cuidar deles por ter alcançado a maturidade espiritual e a intuição profética, contrapondo sua força aos medos, ignorância e críticas. Os discípulos sentiam ciúmes, tratando-a com desprezo e inveja e questionando suas palavras; eles não aceitavam o fato de Jesus amá-la mais que a eles, pois “a beijava na boca, descansava sua cabeça no seu peito e a elogiava pela sua sabedoria”, preferência que a habilitou a agir como uma líder depois da crucificação. O Evangelho de Maria Madalena fala da revelação especial que Jesus fez a ela na visão após a sua ressurreição, com um simbolismo avançado de experiência visionária e descrevendo o itinerário da alma após a morte, que, ao se libertar das amarras da matéria, alcançava a comunhão com a espiritualidade pura.

Maria Madalena veio de Magdala, cidade que tinha uma localização estratégica, junto ao mar da Galileia, numa região próspera, que muito sofreu com a ocupação romana e com as revoltas que esta causava. Era um centro de comércio que fazia parte de uma rota internacional, onde pessoas de todas as religiões e costumes se encontravam no mercado, onde se comercializava peixe salgado, tecidos tingidos e produtos agrícolas. Magdala



não é mencionada no Novo Testamento apesar de ter sido o lugar para onde Jesus e seus discípulos se dirigiram depois de alimentarem quatro mil pessoas com sete pães e alguns peixes. Normalmente as mulheres nos evangelhos são lembradas como mãe, mulher e filha de alguém, um costume da sociedade patriarcal. Entretanto, Madalena não pertencia a nenhum homem, não se sabe se ela era uma mulher jovem ou solteira, viúva ou se preferiu ficar solteira como algumas mulheres influenciadas pelo helenismo, que optavam pela liberdade. Tudo indica que possuía alguma riqueza e após tornar-se a discípula de Jesus o acompanhava junto com os outros discípulos. No entanto, a sua história verdadeira teria sido mais rebuscada: acredita-se que ela era uma princesa da Casa de Bethânia, sacerdotisa do templo de Ísis e que ao casar-se com um descendente da linha de Davi - como Jesus - cumpria uma antiga profecia. Como sacerdotisa da Deusa ela fundiu seus conhecimentos místicos com os de Jesus.

O Evangelho de Lucas é o único que relata a presença de Maria Madalena desde o início do ministério de Jesus na Galileia. Ela não acompanhava Jesus ocasionalmente, mas fazia parte do seu dia-a-dia e do grupo itinerante e estava no mesmo nível que os doze apóstolos. Ainda que as informações sobre ela sejam escassas, comparadas a outros personagens bíblicos, seu nome aparece mais vezes que qualquer outra mulher no Novo Testamento e, na maioria delas em primeiro lugar. Somente nos séculos II e III que a igreja começou a excluir as mulheres do ofício de ensinar e pregar. É importante lembrar que os evangelhos foram escritos por homens inseridos numa estrutura

eclesial onde o poder pertencia a eles; os escritos registraram fatos guardados pela sua memória e têm uma diferença temporal de no mínimo trinta anos, a maior parte deles sendo escritos no final do primeiro século. Pesquisas recentes confirmam que é pouco provável que algum dos autores do Novo Testamento tenham conhecido - de fato - Jesus; os relatos bíblicos de Maria, a mãe e de Madalena datam de 50 anos após a morte de Jesus. Além disso, é evidente que a Bíblia atual - que foi compilada no século IV - passou por inúmeras correções, adições e traduções ao longo dos séculos, resultando cópias de cópias.

O relato da ressurreição no Evangelho de Marcos é o que dá mais importância a Madalena. Ela assistiu a crucificação, preparou os aromas e o bálsamo para ungir o corpo do mestre e testemunhou a ressurreição, foi a portadora da notícia de que Jesus havia ressuscitado e a primeira com a missão de proclamar a mensagem de Cristo. Ela tinha ido ao sepulcro de madrugada e quando encontrou a pedra da entrada revirada viu dois anjos e depois o próprio Jesus, que conversou com ela e lhe pediu para avisar aos outros discípulos. Desta forma, ela se tornou a figura principal do relato, pois estava sozinha, chorando ao pé do túmulo; não foi Pedro, nem Paulo que tiveram esta graça. Quando ela levou a notícia aos apóstolos de que Jesus estava vivo após sua morte na cruz, eles duvidaram... *será que podemos confiar numa mulher?* André a questionou e insinuou que seus ensinamentos eram estranhos, mas Pedro foi além, e perguntou se o Salvador preferia as mulheres aos seus discípulos. Pedro revelava um ciúme doentio, pois estava obcecado com a sua perda de prestígio se fosse instruído por uma mulher e por isso não queria aprender seus ensinamentos. Quando, mais tarde, ela se apresentava e falava, a multidão era arrebatada por suas palavras, como ocorreu em Marselha. Mesmo o mais brilhante dos discípulos do sexo masculino, segundo nos diz o Evangelho de Felipe, silenciava perante sua exposição apaixonada. Somente o teimoso, invejoso e misógino Pedro negava o profundo conhecimento de Madalena.

Mesmo sendo Maria Madalena conhecida no imaginário e na tradição ocidental popular como a prostituta arrependida, a adúltera que Jesus salvou das mãos dos homens que queriam apedrejá-la e a pecadora cujas lágrimas lavaram os pés de Jesus em preparação para sua sepultura não há no Novo Testamento ou na literatura cristã primitiva registros ou indícios que comprovem as



acusações sobre a sua moral. Lucas afirmava que a presença de mulheres seguindo Jesus era fundamental para o grupo, pois por possuírem recursos próprios elas doavam seus bens e rendas para manter Jesus e os discípulos. Não há nesses textos indicações de que Cristo considerava a contribuição das mulheres inferior à dos discípulos; ele não se apegava às convenções de sua época, mas tinha o desejo de mudar as tradições sociais e isso era expresso no tratamento que dava as mulheres. O nome de Maria Madalena aparece em primeiro lugar nos escritos primitivos e nos sinóticos comprova-se que as pessoas recorriam a Maria Madalena como a Pedro e Paulo. Desta forma evidencia-se que sua importância ia além da que transparece nos Evangelhos Canônicos.

A ausência de seu nome nos textos assume um significado diferente e surge a pergunta: *qual seria o motivo dessa ausência?* Alguns autores consideram que esta omissão não foi um descuido, mas uma estratégia proposital para excluir as mulheres de posições de liderança apostólica. No curso da história Maria Madalena sempre desfrutou de grande popularidade, mas o interesse estava muito mais na condenação da sua sexualidade e dos seus pecados do que em seus testemunhos. O Evangelho de Maria Madalena traz o tema da liderança da mulher ao mencionar a controvérsia entre os discípulos a respeito do exercício da liderança. Eram debatidas várias questões, inclusive a importância da experiência visionária, a legitimidade da liderança das mulheres e o sentido do ensinamento de Jesus. Porém, se fosse ensinado que a autoridade devia basear-se em maturidade espiritual e não em distinção de gênero, abria-se a possibilidade de um espaço onde a mulher e o homem poderiam exercer a sua liderança que visasse ensinar, pregar, conduzir e exercer a compaixão pelos outros.

O livro *Código Da Vinci*, de Dan Brown, alcançou sucesso internacional e uma impressionante audiência, com sua história brilhantemente tecida em torno de sociedades secretas, simbolismo esotérico e lendas do Santo Graal. Prevalece a tese, antes herética, de que Maria Madalena fora consorte e parceira sexual de Jesus, e de que sua descendência se tornara uma linhagem sanguínea secreta, estendendo-se da Idade Média aos tempos modernos. A maior parte das polêmicas ideias sobre a relação de Jesus com Maria Madalena e sobre o *Sangreal* foi usada como um código para a linhagem sanguínea sagrada. Uma das razões para a atual popularidade de Madalena é a expansão do conceito inovador sobre a possível atuação



religiosa da mulher, não mais restrita a intelectuais da Igreja, mas que alcançaria também as mulheres comuns, sem ser restrita apenas os homens. Assim, milhões de mulheres passaram a questionar a misoginia e o puritanismo de uma Igreja patriarcal que, há muito, tem marginalizado

Madalena ou a transformado em bode expiatório, em função de sua flagrante sexualidade. Graças a muitas informações genuínas que Dan Brown coletou (ao lado de outros autores como Margaret Starbird em *The Woman with the Alabaster Jar* e *The Goddess in the Gospels*, Elisabeth Clare Prophet em *Mary Magdalene and the Divine Feminine*), a figura poderosa dessa mulher enigmática está outra vez tornando-se viva na imaginação do nosso tempo.

De objeto de piedade ou desprezo, Madalena tem se transformado numa heroína feminista celebrada, um novo modelo para a mulher independente e apaixonada. Aos poucos, historiadores modernos da Igreja estão reconhecendo que o rótulo de “prostituta arrependida” foi usado como uma tática difamatória e uma interpretação distorcida dos Evangelhos. No entanto, para os puritanos e patriarcas que dominaram o Cristianismo, a “mulher escarlate”, que esteve tão perto do Salvador, é sempre motivo de vergonha e constrangimento. A causa está na perturbação profunda e patológica dos padres da Igreja Cristã antiga pela sexualidade das mulheres, pois para eles, sexo era o mais aterrador dos pecados, resultante direto da transgressão de Eva no Jardim do Éden. Foi a partir dessa paranoia em relação aos desejos carnis que surgiu o mito doutrinário de Maria, a Mãe milagrosamente casta e virgem. Pelo poder do Nascimento Virginal e de uma Igreja de sacerdotes celibatários e freiras virgens, esperava-se reverter o pecado original de Eva e fugir das tentações do Demônio no mundo altamente licencioso da Roma Antiga. O resultado tem sido uma continuada recusa em relação a toda manifestação do feminino conectado com a religião, uma obsessão com o comportamento sexual e o controle da concepção e a secular misoginia nas Igrejas, as quais não se cansam de

denegrir, diminuir e inferiorizar as mulheres. Apesar da liberação sexual e da ordenação atual de mulheres, essa idiossincrasia está longe de ser resolvida, mas o interesse renovado e o retorno da popularidade de Madalena representa - pelo menos - a esperança de uma solução possível para que a Igreja Católica mude a sua atitude medieval em relação ao sexo e às mulheres.

O Surgimento do Feminino Divino constitui uma reação à negação milenar da mulher, existe atualmente por toda parte uma enorme ânsia pelo sagrado feminino, permeando a sociedade ocidental e em vias de mudar de vez e para sempre os fundamentos patriarcais patológicos cristãos. Mulheres de todo o mundo, anseiam por readquirir sua verdadeira dignidade e serem reconhecidas e aceitas como seres espirituais, passionais e criativos, iguais aos homens e não submetidas a eles. E a imagem que pode lhes servir como estandarte é Maria Madalena, a representação da Deusa ignorada e perdida do cristianismo. Maria Madalena foi uma mulher que desejou ardentemente, com todos os seus sentidos, o homem e o Deus. Acima de tudo, ela demonstrou ser plenamente humana, integrando dentro de si o poder assertivo de uma vontade forte e, ao mesmo tempo, um anseio feminino intenso pela transcendência, um modelo psíquico do feminino, que pode nos inspirar a todos, homens e mulheres, no resgate de nossa inteireza humana.

Existem evidências ocultas nos Evangelhos que revelam a posição de Maria Madalena como sacerdotisa da Deusa. Seu nome *Maria de Magdala* aponta para o templo triplice das deusas Mari-Anna-Ishtar existente em Magdala, também conhecida como a “aldeia das pombas”, onde elas eram criadas para os templos das deusas. A alegação que Madalena era prostituta pode ser uma referência ao título de *hieródulas* dado às sacerdotisas da Deusa e que foi deturpado depois para “prostitutas sagradas” e finalmente destituído da referência aos ritos sexuais sagrados. A menção aos “sete demônios” é uma parte do ritual conhecido como a “descida de Inanna” ou “a iniciação dos sete véus”, uma das cerimônias mais antigas e que era também praticada no templo de Mari-Anna-Ishtar. A unção de Yeshua/Jesus com o óleo é uma referência explícita ao ritual do casamento sagrado, assim como faziam as sacerdotisas antigas antes de se unirem ao rei. Madalena era vista como a noiva de Jesus, que ele chamava de “A mulher que conhecia o todo”. O casamento sacro era um antigo rito de fertilidade e renovação da terra, muitas vezes seguido da morte do rei ou de um salvador que oferecia seu sangue ao povo e que renascia depois junto com a vegetação. No Evangelho de Marcos (14:8-9) Jesus prenunciou a sua própria morte quando sua cabeça foi ungida pela Madalena e ele se tornou “O ungido” ou Messias. Como símbolos de Madalena são mencionados o manto vermelho (ou às vezes verde, da renovação da terra), o jarro de alabastro (que passou a ser associado ao Santo Graal), o unguento de nardo, a pomba e o ovo vermelho (antigos símbolos dos ritos de fertilidade das deusas Astarte e Eostre).

Em relação à permanência de Maria Madalena na França, existem afirmações históricas e literárias de que Madalena teria sido uma iniciada em um dos antigos cultos de Ísis e que a jovem Sara “a egípcia” era sua filha da união com Jesus nascida no Egito. Sara em hebraico significava “princesa” e ela era “negra” simbolicamente ou seja “não reconhecida nas ruas” atributo dos príncipes da linhagem de Davi (Lamentações 4:8). Após a crucificação (em torno do ano 42), Lázaro, suas irmãs Maria Madalena e Martha, junto com Maria Jacobé, Maria Salomé e a jovem Sara, foram colocados pelos soldados romanos num barco sem velas, nem remos, para assim perecerem no mar. Depois do barco ser levado pelos ventos, apesar da falta de equipamento e comida, a embarcação conseguiu resistir às tempestades e aportou numa praia no Sul da França num vilarejo conhecido atualmente como *Saintes Maries-de-la-Mer*. Segundo a lenda, cada um dos viajantes seguiu rumos diferentes; Maria Madalena depois de ensinar e curar inúmeras pessoas teria ido para Saint Baume, onde se refugiou em uma gruta no alto da montanha, de muito difícil acesso e lá passou o resto da sua vida, envolta apenas pelos seus longos cabelos e sendo alimentada duas vezes por dia pelo *mana* trazido pelos anjos. A gruta foi e continua sendo lugar de peregrinação apesar do árduo caminho, mas como também reis participavam das peregrinações, foi construído o “*chemin de rois*”, percorrido a cavalo. A grande descoberta cristã teria sido em 1279, quando os supostos ossos de Maria Madalena foram encontrados perto de Saint Maximim. Um documento datado de 710 (que depois desapareceu), encontrado pelo conde Charles de Provence depois de um aviso num sonho, teria confirmado a autenticidade do achado. Charles gastou sua fortuna para construir a Basílica de Saint Maximim, onde é guardado o suposto crânio de Maria Madalena num relicário. Esta igreja era um ponto importante no culto dos cátaros (cristãos dissidentes que reverenciavam Madalena como esposa de Jesus e por isso foram considerados hereges e dizimados) e ainda é muito visitada atualmente, assim como outros lugares cátaros.



O encanto que Maria Madalena provoca em tantos de nós hoje se deve ao fato de que ela é uma figura complexa e plenamente humana, uma mulher real que desfrutou dos prazeres da riqueza e do sexo e teve uma relação profunda e mística com o homem mais

importante da literatura religiosa ocidental. Não importa se conhecermos com precisão histórica os pormenores de sua vida; são as lendas sobre Maria Madalena e sua relação com Jesus que produzem profunda impressão na consciência moderna, especialmente na das mulheres. Muitas delas, hoje, desiludidas e insatisfeitas com as Igrejas, podem começar a admitir para si próprias que espiritualmente todas anseiam por algo mais que a pureza virginal de Maria e a redenção dos pecados pela *via crucis*, podendo questionar sua fé, sem medo do ridículo ou da vergonha.

O fenômeno do retorno de Maria Madalena e os movimentos espiritualistas centrados ao redor

da sua figura devem ser visto como o despertar profundo na moderna consciência da ideia de que o princípio divino não pode mais ser separado de sua contraparte e polaridade feminina. Escritores, psicólogos e sacerdotes descrevem Maria Madalena como um arquétipo do sagrado feminino, que está cada vez mais em evidência entre cristãos, espiritualistas e grupos pagãos, sendo honrada em peregrinações para seus antigos locais sagrados, em rituais ou obras literárias. O “fenômeno de Madalena” pode ser definido como *kairos*, o termo grego que significa o momento oportuno, eternamente pleno e presente. *Kairos*, em oposição ao *chronos* ou tempo linear, denota o momento em que novas forças são consteladas para mudar a realidade e proporcionar a aparição de algo novo. Madalena, como representante da Deusa nos seus múltiplos aspectos, reúne em si a amante apaixonada, a consorte fiel e devotada, a guerreira independente, a parceira compassiva, a aprendiz e a mestra espiritual. Depois de ser suprimida, denegrada e perseguida ao longo de dois milênios, a Grande Deusa finalmente retorna em toda sua beleza, sabedoria e glória, na figura de Maria Madalena, que em suas mãos leva o Graal, que nos pode curar a todos.

“Todas as mulheres fazem parte da linhagem sacra de Madalena; todas nós somos divinas, é o nosso direito de nascer. Chegou o tempo de retomar o nosso lugar de poder como mulheres belas, poderosas e brilhantes, portadoras do dom da vida, da chama sagrada e da sabedoria, para assim devolver o equilíbrio à humanidade”. (Susan Kehoe Jerkins)





Mãe Terra

por Helena Maltez*

Quem molha...olha



Quando chega a seca, nova tarefa se impõe: a de, diariamente, molhar as plantas do meu jardim agroflorestal. Um dia sem molhar no auge da seca pode ser fatal, principalmente para as hortaliças que tão generosamente nos alimentam.

Para otimizar meu tempo e o uso da água, uma estratégia que implementei no meu jardim foi a de dividi-lo em 3 zonas. A primeira zona é a que não molho nunca. Como não há vida sem água, as plantas que aí moram são, além de resistentes à seca, capazes de desenvolver raízes muito longas que buscam água nas profundezas da terra. Outras são capazes de aproveitar ao máximo a umidade do orvalho pré-matinal até a época de chuvas abundantes retornar. Nessa zona, as nativas ficam bem, já que são totalmente adaptadas ao regime hídrico da região. Nesta zona ficam as áreas mais afastadas da casa, onde há principalmente árvores e bananeiras (que nem ligam para a seca) e plantas tão adaptadas aos ciclos de chuva-seca que parecem morrer na

seca para renascem vigorosas nas chuvas como, por exemplo, a taioba, a cúrcuma e as helicônias. Aí também estão as suculentas como a Folha da Fortuna, que não pode faltar em nenhum jardim, não somente por conta da sua lindíssima florada, mas também por suas muitas outras qualidades (veja quadro na próxima página).

Meu cuidado com essa zona que nunca irrigo é o de cobrir o solo com folhas e galhos, o que protege as raízes do ressecamento e mantém um ambiente apropriado para que sementes, tubérculos e rizomas durmam sossegados na terra até que as chuvas novamente molhem o solo, despertando-os para o verão.

A segunda zona é a que eu molho semanalmente. Vivem aí somente as plantas que suportam este ritmo de irrigação. Como o jardineiro de Cecília Meireles, jogo água sabendo que não conseguirei molhar o solo de verdade. Mais do que matar a sede das plantas, molhar tem, nesta zona, a função de me

colocar em contato, de me fazer presente, de me fazer olhar para cada uma das plantas ali viventes e dizer-lhes do meu amor. Ai estão também plantas que não suportariam ficar sem água durante muitos meses, mas que 'seguram a onda' da seca com uma leve molhada semanal. Não insisto em manter nessa zona as plantas que sofrem sem a água diária. No início da época das chuvas, planto muitas sementes, estacas e mudas novas para descobrir quem são as que melhor se adaptam à irrigação semanal. Tento e experimento abundantemente, sabendo que somente algumas ficarão no lugar. Não insisto com as que não aguentam, artificializando demais as condições ambientais. Deixo para lá e tento outras. Algumas das que tenho nessa zona, além das árvores ornamentais e frutíferas (que não dependem da minha irrigação depois de estabelecidas) são agave-dragão, mirra, íris, babosa, framboesa, entre outras. Aliás, muitas plantas adoram esse regime de irrigação. Suas raízes nem gostam de solo encharcado e podem apodrecer se molharmos demais.

Finalmente, a terceira zona é a que molho quase todos os dias. Ai ficam as flores da entrada da casa, as hortaliças, o canteiro de temperos e medicinais, além de algumas mudinhas amazônicas que plantei recentemente e que gostam de muita água como o açaí, a pupunha e o cupuaçu. A maior parte dos temperos e medicinais tradicionais tem origem mediterrânea (hortelã, manjericão, salsinha, etc.) e adoram o ar seco e o friozinho da nossa estação seca. Molhando o solo diariamente, é nessa época que ficam mais lindas, saudáveis e produtivas, assim como as hortaliças tradicionais (alface, mostarda, rabanete, beterraba, cenoura...).

Alguns cuidados: os melhores horários para molhar o jardim são o comecinho da manhã, com o raiar do dia, e o finalzinho da tarde. Quando a seca coincide com a época mais fria do ano, é bom evitar molhar as folhas se a irrigação é feita no final do dia. Há muitos fungos que adoram o frio junto com a umidade e molhar sempre as folhas no início da noite pode favorecer os mofo, ferrugens, manchas, oídios e míldios que deixam nossas plantas tristes, feias e doentes. Molhar no meio do dia é melhor do que nada, mas o mesmo cuidado é necessário. Ao molhar as folhas no meio de um dia quente e seco, a temperatura na superfície foliar cai, o que engana a planta. Ela pensa que está nublado, abre seus estômatos para respirar e... desidrata... porque na verdade está sol e

seco. Pode até morrer! Portanto, molhamos abundantemente as folhas somente quando a irrigação é feita no começo do dia, senão, melhor mesmo é molhar o solo, ao pé das plantas. Ainda, quando molhamos no meio do dia, a água rapidamente evapora e pouco fica para matar a sede das plantas. Quando irrigamos ao final do dia, a umidade permanece por perto por muito mais tempo no ambiente, hidratando profundamente todo o sistema.

Certa vez, alguém me falou de um ditado antigo que diz que "quem molha, olha". Achei perfeito. Molho para olhar. Molho e olho. É nesse momento que vejo quem precisa de um cuidado extra, quem precisa de poda, de manejo, quem precisa sair do sistema, ter suas sementes ou frutos colhidos ou ser multiplicada para virar mudas espalhadas pelo jardim. Molhar as plantas é um momento de muito prazer e conexão com minhas companheiras de moradia. Por isso, acho que é bacana, mesmo quando optamos por irrigar mecanicamente (com sistemas adequados ao seu jardim), mantermos alguns pedaços do jardim sob irrigação manual. O conforto do sistema automático pode nos afastar do jardim e... quando percebemos... há meses que não vamos lá olhar as nossas plantas. A responsabilidade em molhar o jardim diariamente nos "obriga" a estar presente e a nossa presença é o que faz o jardim feliz. Assim como acontece com a nossa relação com as pessoas que amamos, algumas "obrigações" são muito bem vindas e nos aproximam. Foi minha "obrigação" de levar minha filha diariamente para a escola na sua transição entre a infância e a adolescência que criou o espaço perfeito para que eu pudesse ouvir suas angústias, reflexões, partilhas ao longo do trajeto que fazíamos de carro. É a "obrigação" diária de acordar cedíssimo e cobrir minha caçula de beijos de bom dia que gera nosso espaço secreto de amor e confiança durante o qual ela me conta o que sonhou durante a noite. Assim como é na "obrigação" de colocá-la para dormir lendo histórias que posso compartilhar minhas visões de mundo e meu amor pela leitura.

Por isso, é com gratidão que, diariamente, molho as minhas plantas, na mangueira mesmo, em meditação, cantando mantras e conversando com elas. Ao segurar na mangueira e sentir a água passando, lembro-me que a água é o meio universal que conecta todos os Seres. Imanto nessa água, capaz de carregar sentimentos e emoções, o meu profundo amor. O Jardim? Responde com beleza e alimento!



A Folha da Fortuna, cujo nome Yorubá é Abámodá (que significa "O que você deseja, você faz") representa a multiplicação e a prosperidade. É capaz de afastar coisas nefastas e trazer muitas realizações. Os herbalistas a usam para a cura de doenças de pele, como feridas, furúnculos, úlceras e dermatoses em geral. Também é diurética, combate encefalias, nevralgias, dores de dente, diabetes, coqueluche e afecções das vias respiratórias.*

*Fonte: <http://tradicoesdocandomble.blogspot.com.br>

As Matriarcas das 13 Lunações*

Nesta Edição do Deusa Viva trazemos a canção "Brilho D'água", de Mônica Fonseca**, dedicada à Matriarca da Sétima Lunação: Mãe Guardiã da sabedoria sexual. Aquela que ama todas as coisas.

Água lava
Água leva
Água brilha
Água e pedra

Sentimentos
Luz e sombra
Com amor
Cada passo
Meu perdão
Sim e não
Com prazer
Tudo certo



* Para saber mais sobre a Lenda das 13 Matriarcas, consulte os livros "Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas" e "Anuário da Grande Mãe", ambos de Mirella Faur.

**O CD "Treze Luas" pode ser adquirido na entrada dos rituais da Teia de Thea, na UNIPAZ, ou com a própria artista pelo telefone (61) 9602.7126.



Posta-restante
por Maria Amaziles

Maria,

Enquanto o mundo evolui, novos universos se descobrem, galáxias encontram o ocaso e, a despeito dessa lição de harmonia, ainda se discutem nos pequenos círculos certas verdades — menores ainda — construídas em torno da castidade feminina.

Seria a sua pureza algo a ser certificado por qualquer parte intacta do seu corpo? Consistiria sua virgindade em algo assim tão banal que se define pelo seu hímen? Significaria a sua beleza um pecado a ser purificado, punido, diante da humanidade inteira?

Felizmente, as coisas não são assim, ainda que seja conveniente para alguns que essa pantomima se perpetue. Controlar o uso que você faz de seu corpo e a sua forma de expressão são apenas alguns dos poucos exemplos torpes das manobras instituídas para diminuir o valor de cada mulher, reduzir sua interação com a sociedade, subtrair-lhe o poder... Mas lembre-se de que eu criei você livre, tendo a Terra como moradia e o meu manto, no Céu, para protegê-la!

Hoje eu abençoo você com perfume da liberdade e sabor do respeito. Que, antes de tudo, você mesma se respeite e se comprometa com cada um dos seus gestos. E que a beleza, ah! essa mensageira de minha presença, tenha lugar em sua vida de forma generosa. Seja livre em todos os sentidos, minha menina. Cuide de suas rosas, a despeito da sombra das árvores de outros quintais!

Em alegria e luz,

Aquela que é.

